

“Oratório” de Paula Rego no Museu da Ordem dos Terceiros, em Ponte de Lima*

Ana Gabriela Macedo

No mês em que é anunciado o fim da Fundação *Casa das Histórias*, em Cascais, surge uma exposição a vários títulos improvável, e por isso mesmo mais extraordinária ainda, no Museu dos Terceiros (MUTE), na vila de Ponte de Lima, no Norte de Portugal. Composto pelo conjunto arquitectónico das Igrejas da Ordem Terceira de S. Francisco e do Convento de Santo António dos Frades, o museu está situado no coração da vila, face ao rio Lima e à avenida dos Plátanos. Um longo historial de ordens conventuais e património religioso o precede: a igreja conventual data de 1485 e a Ordem Terceira de 1624, sendo que a igreja desta foi sagrada em 1747, constituindo um magnífico exemplar do

* Este texto foi publicado in *Jornal de Letras*, Julho 2013.

barroco português. A ideia de um museu de arte sacra reunindo o espólio das Ordens conventuais nasceu em 1959, contudo, dadas as complexas obras de recuperação, o conjunto arquitectónico, então muito degradado, apenas ficou restaurado em 2007¹.

E é no seio de um magnífico conjunto de retábulos dos séculos XVII e XVIII, altares em talha dourada ao estilo rocaille, grandes telas a óleo representando a vida de Maria, um Guarda-vento em madeira dourada e policromada do séc. XVIII, que o Oratório de Paula Rego se ergue, com os seus três metros de altura, num diálogo inusitado com um Retábulo da Senhora das Dores (finais séc. XVIII), uma tela de cerca de 5m de altura da Imaculada Conceição (1804-5), denominada a Mulher do Apocalipse triunfando sobre o Mal, sob a luz de um imenso lustre em cristal do século XVIII. Na sacristia da Igreja da Ordem dos Terceiros, um Oratório em talha dourada, da mesma época, representando uma figuração do Calvário, configura ainda mais acutilantemente o diálogo encetado entre as figurações religiosas barrocas e os mistérios desvendados por Paula Rego, gritantemente profanos – representações de mulheres e crianças em sofrimento, cenas de violência e violentação, infanticídio, o humano predador, a passividade cúmplice, o abandono, a solidão e o medo. Desde logo os 3 metros de altura do armário-oratório se impõem ao visitante “abrindo” as suas portas, como qualquer outro tríptico religioso, para os seus mistérios profanos, numa alusão directa ao tema que fora proposto à artista pelo “Foundling Museum” de Londres (outrora Foundling Hospital, instituição que albergava crianças abandonadas), e que fora o *leitmotif* da exposição que aí tivera lugar entre Fevereiro e Abril de 2010 e na qual a obra de Rego dialogava com a de dois jovens artistas britânicos, Tracey Emin e Mat Collishaw. Trata-se, como sempre em Paula Rego, de cenas do seu próprio “teatro interior”, revisitações de temas recorrentes da artista, onde as séries “Jane Eyre”, “Padre Amaro” ou “Maria Moisés” – evocações de um universo dickensoniano e brontëano, gratas a Rego, onde Camilo e Eça são igualmente flagrantes presenças – reaparecem uma após outra, fantasmagoricamente, tingidas agora por uma nova luz, metaforicamente emanada pelo lustre de cristal da Igreja da Ordem dos Terceiros, e em contraste com o dourado barroco que lhes acentua a crueza do gesto e a urgência da denúncia da hipocrisia e da abjecção humanas.



Paula Rego, Oratório (2008-09), 255x350 cm.

Por tudo isto, e muito mais que há a ver e visitar no MUTE em Ponte de Lima, é de louvar a realização desta exposição, que desafia com ousadia os tempos de igual crieza e hipocrisia que atravessamos.

26 Março 2013.

Nota

¹ Ver *Catálogo do Museu dos Terceiros*, coord. editorial, Sandra Rodrigues, José Velho Dantas, Ovídio de Sousa Vieira, 2008. (Introdução de Carlos Brochado de Almeida, coord. MUTE).